



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**AROLDO DA SILVA BARBOSA  
(depoimento)**

**2012**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-259

**Entrevistado:** Aroldo da Silva Barbosa

**Nascimento:** 22/10/1950

**Local da entrevista:** Residência do entrevistado (Porto Alegre, RS)

**Entrevistador:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Data da entrevista:** 15/10/2011

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque e Pesquisa:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Total de gravação:** 28 minutos e 45 segundos.

**Páginas Digitadas:** 10

### Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início do entrevistado na prática esportiva; Participação em corridas rústicas; Participação em maratonas; Organização da Maratona de Porto Alegre; Participação do público; Alterações no percurso da Maratona de Porto Alegre; Número de participantes; Premiação para homens e mulheres e faixas etárias; Mensagem para os corredores iniciantes.

Porto Alegre, 15 de outubro de 2011. Entrevista com o senhor Aroldo da Silva Barbosa a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Boa tarde Barbosa! Quando começaste a ter o interesse pelo esporte?

A.B. – Boa tarde, Patrício! Na verdade, eu diria que sempre gostei de trotar em beira de estrada e comecei em torno de 28 anos de idade, mas era troquinho sem nenhum compromisso com o atletismo, com ser competitivo e coisa e tal; então, isso ai é uma atividade que me dá prazer há anos já.

J.P. – Esse interesse começou com 28 anos por vontade própria, por questões de obrigação de alguma profissão? Primeiro então, qual é a tua profissão?

A.B. – Sou militar inativo já alguns anos, mas permaneço militar. O meu início, essa minha iniciação na corrida foi motivada no período em que sofri uma cirurgia e tive um tempo baixado em hospital; um tempo relativamente importante, e quando sai dali, é como se eu tivesse, talvez até, buscando mais uma energia para a vida. E comecei dando esses troquinhos, eu não saberia dizer se é exatamente é isso ai, mas, talvez, até tentando esquecer esse período onde eu passei lá no hospital e para mim foi uma coisa ruim ficar enclausurado lá um bom tempo. A partir daí, iniciei os trotes e não parei mais.

J.P. – E em questão de participação em corridas, organizadas por alguma entidade, como é que começou isso?

A.B. – A primeira vez que eu participei de uma, digamos assim, de uma prova com o mínimo de organização foi no dia em que eu completei 50 anos de idade; uma prova que tem no nosso bairro aqui do Guarujá, Bairro Espírito Santo<sup>1</sup> no Clube do Professor Gaúcho<sup>2</sup>. Eu passei ali vindo exatamente da festa do meu aniversário e amanhecia o dia e eu passei na frente e na grade tinha lá um painel dizendo que haveria uma corrida a partir das nove horas e coisa e tal. E eu falei para os meus familiares: “Olha, eu vou até em casa e

---

<sup>1</sup> Guarujá e Espírito Santo, bairros situados na zona sul de Porto Alegre.

volto, se eles aceitarem minha inscrição, eu corro”. Fui repreendido: “Olha, vai dormir você passou a noite em festa não sei o quê, vai dormir que é melhor”. E eu fui lá me escrevi e participei essa primeira vez no dia em fiz 50 anos.

J.P. – Como que se deu depois dessa transição, depois dessa primeira corrida, muito mais para festejar o aniversário para correr maratonas, como é que se deu isso?

A.B. – Isso ai. A primeira vez foi essa do Clube do Professor Gaúcho, foi no ano de 2000, no ano de 2001; fiquei com aquela coisa, fui convidado ali por alguns corredores mais antigos: “Existe um clube que é o Clube de Corredores de Porto Alegre, nosso CORPA, vai lá e te associa”. Ficou aquela ideia assim na cabeça, e ai eu fiquei um tempo, eu acho que um ano por ai... Em 2001 eu fui a uma excursão e já tinha me associado nessa época ao CORPA e participei de uma excursão que foi participar da Maratona de Florianópolis; eu não corri a Maratona, mas corri uma rústica que tinha lá a junto com a maratona, fui com minha filha, e na volta o pessoal foi e voltou só falando daquela cachaça: maratona, maratona, maratona e voltei com aquela coisa na cabeça. “Puxa, o que tenho que fazer?” Eu perguntava para o pessoal que tinha experiência: “Tu tens que inicialmente falar com um professor de Educação Física para te dar orientação, para te preparar, porque maratona não é brincadeira isso ai exige muito”. Eu voltei com aquilo na cabeça e pensei: “Mas eu, então, também vou correr maratona”. E ai passou o ano de 2001, mas fiquei com aquele vírus na minha cabeça, foi assim que iniciou.

J.P. – Tu lembra alguma coisa da primeira maratona, alguma história interessante da primeira maratona? Qual a sensação que teve no final da prova?

A.B. – Lembro-me de toda a prova, até porque a primeira foi muito marcante para mim. Eu entrei nessa prova quase sem nenhum preparo. Eu falei com a minha professora, a Miriam Caldasso<sup>3</sup>, que foi minha primeira e única professora de Educação Física que tive até hoje, eu falei com ela; faltavam cinco semanas para maratona de 2002 e, isso ai já estava indicado por outros corredores mais antigos que me deram vários nomes e eu não sei por que cheguei nela e disse: “Olha Miriam, eu estou vindo aqui para receber um treinamento

---

<sup>2</sup> Referência à corrida rústica promovida pelo Clube do Professor Gaúcho na zona sul de Porto Alegre.

para correr maratona”. Ela disse: “Faltam cinco semanas para a maratona não é possível”. Eu disse: “Olha Miriam, você não entendeu: eu vou correr a maratona!” [risos] E ai ela disse: “Olha, nesse tempo nós só vamos nos conhecer e nada mais; não dá para te dar treinamento pra maratona”. “Tudo bem, mas eu vou fazer a maratona, eu vou iniciar e vou terminar”, disse para ela e fui. E as pessoas que estavam lá e que me viram na chegada disseram que eu cheguei depois quase encostando o queixo no joelho; cheguei todo arqueado, mas cheguei [risos], então, essa é a história da minha primeira maratona [risos].

J.P. – Bom, de lá pra cá quantas maratonas tu fizeste até hoje?

A.B. – Eu tenho dezesseis maratonas completadas, uma supermaratona de Rio Grande<sup>4</sup>, em 2006 e, em 2010, eu fiz a metade da Volta da Ilha<sup>5</sup> em dupla. Ou seja, eu fiz setenta e cinco quilômetros, então tenho dezesseis maratonas, uma supermaratona e uma ultramaratona.

J.P. – E quantas em Porto Alegre?

A.B. – Deixa-me fazer umas continhas aqui agora que eu já poderei te dizer: Porto Alegre eu corri 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006, então, só aqui contei cinco. 2006 que foi a última que eu corri aqui, 2006, depois ai não corri mais aqui, corri outras por fora, aqui não corri mais.

J.P. – Nessas Maratonas de Porto Alegre, fala um pouquinho para nós sobre a organização da Maratona. O que tu achaste da organização, ela satisfaz a tua expectativa como corredor?

A.B. – A nossa organização, pelo que o pessoal que tem falado do CORPA, que é o organizador da nossa Maratona, as pessoas que falam, até hoje pelo que eu sei, falam bem. Eu também falo bem, acho que a organização, nos aspectos de hidratação, de oferecimento de serviços de isotônico, de cronometragem, de pontualidade na largada da prova, eu acho

---

<sup>3</sup> Miriam Celyna Neutzling Caldasso

<sup>4</sup> Supermaratona de Rio Grande (RS), que ocorre anualmente no mês de fevereiro, na distância de 50 quilômetros.

<sup>5</sup> Volta da Ilha: corrida de revezamento por equipe de 2, 8 e até 12 corredores. Criada em 1996, cujo objetivo é dar uma volta completa à Ilha de Florianópolis (SC).

que é uma das boas provas que tem no Brasil. Já corri outras, já corri em Florianópolis, corri em Blumenau<sup>6</sup> enfim, mas eu acho que a de Porto Alegre é bem organizada.

J.P. – E sobre a premiação, a classificação, isso motiva mais a participar de outras maratonas?

A.B. – Isso ai fazendo. Agora eu vou perguntar para o entrevistador, comparando à de Porto Alegre ou não?

J.P. – Em si a própria Maratona de Porto Alegre, que isso faz parte da organização. Como é que tu achas que é essa premiação. Ela é adequada, contempla todos os participantes ou a maioria das faixas etárias?

A.B. – Não. Eu já participei de outras provas também em que a premiação por faixas... Eu acredito que dá para melhorar e muito, e mesmo a premiação assim para o campeão, para a campeã é uma premiação baixa não entendo por quê. Tem provas por ai, a gente sabe, Rio, São Paulo... Eu já participei em Blumenau, em Florianópolis também que a premiação era bem – digo era porque tem desde 2006 que eu não tenho mais corrido maratona – mas era bem melhor. Então eu acho que nesse quesito de premiação – não entendo o porquê – que nós não podemos ter um troféu muito bonito ao primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto lugar do geral e depois outros troféus também bonitos para as faixas e com uma premiação. Não precisa ter muito dinheiro, mas uma premiação de estímulo, então, nesse aspecto eu acho que a nossa Maratona de Porto Alegre deixa bastante a desejar.

J.P. – Certo! E a participação do público durante a Maratona de Porto Alegre. Nós estamos falando da Maratona de Porto Alegre especificamente. Como é que tu sentes, como corredor quando está correndo. Acha que o público participa, incentivando os corredores, como é que tu entendes isso?

A.B. – É tem participação sim, mas eu acredito – não sei é uma visão pessoal – que o gaúcho é muito frio; nós somos frios, essa é minha visão e isso também se reflete na Maratona. Eu corri maratonas em que o público vai para a calçada, vai aplaudir, leva

---

<sup>6</sup> Cidades do estado de Santa Catarina.

sanfona, vai tocar, tem música... Corri a Maratona de Buenos Aires, por exemplo, e em um ponto tinha um casal dançando tango numa volta de avenida; mais adiante tinha... Eu corri lá, o ano passado em 2010, eu corri a Maratona de Buenos Aires e tinha, inclusive, brasileiros lá sambando; de ponto em ponto tinha samba, tinha o tango, tinha outras danças de outros países nossos aqui, chilenos, etc. Então, isso aí é uma coisa que dá um calor muito maior e a de Blumenau também era muito bonito, pois o pessoal também entusiasmava muito, vinha oferecer água, vinha oferecer frutas, vinha com palavras incentivadoras: “Vamos lá vocês conseguem!” A de Buenos Aires é assim: “Vamos você consegue, vamos, vamos você consegue!” Então, aquele estímulo é especial. No Chile, também, o pessoal aplaude vigorosamente e nós aqui somos frios, é a minha visão.

J.P. – Certo! A Maratona de Porto Alegre mudou várias vezes de lugar, de percurso, largada e chegada da Maratona. Acha que essas mudanças trouxeram algumas melhoras para o desenvolvimento da Maratona?

A.B. – Eu tenho pouca experiência; eu corri 2002 e 2003 eu tenho certeza; não sei se em 2004 também a largada e a chegada eram lá no Parcão<sup>7</sup> e as demais já na rótula das cuias<sup>8</sup>, ali na Avenida Augusto de Carvalho<sup>9</sup>. Esse ano agora já não foi ali no Barra Shopping<sup>10</sup>, mas eu tenho a impressão, não sei, tenho a impressão, que isso está atendendo mais ao comércio e ao pessoal do trânsito do que propriamente ao interesse da Maratona. Nós temos pontos bonitos para fazer em Porto Alegre do que não sejam quilômetros e quilômetros na beira do Guaíba; o Rio Guaíba é lindo, sou apaixonado por ele, mais não precisa ser só quilômetros e quilômetros no Guaíba; a gente pode dar uma pescadinha no Guaíba, mas tem muitos outros pontos que são interessantes. Agora sinto que é uma pressão do pessoal do trânsito e eu acho que também do comércio. Esse ano já veio para o Barra Shopping, amanhã do jeito que está ficando nós vamos terminar indo para dentro de outro *shopping*, não sei.

---

<sup>7</sup> Parque Moinhos de Vento.

<sup>8</sup> Referência à escultura “Super Cuia” do artista plástico Saint Clair Cemin. Está exposta ao ar livre, próxima ao Anfiteatro Pôr-do-Sol, na orla do Guaíba.

<sup>9</sup> Avenida de Porto Alegre, local onde foi montada a estrutura de largada e chegada das Maratonas de 2009 e 2010.

<sup>10</sup> Barra Shopping Sul, situado na zona sul de Porto Alegre. Em 2011, a estrutura de largada e chegada da 28ª Maratona de Porto Alegre foi montada no estacionamento do Shopping.



J.P. – Pela tua resposta entendi que poderia ter uma integração maior da cidade com o evento em si se ele passasse por outros bairros, por exemplo?

A.B – Sem dúvida nenhuma. Eu acredito isso ai, poderíamos passar por outros bairros, ver outros elementos que a cidade tem, porque que a gente não pode passar ali pela Praça da Matriz<sup>11</sup>, mostrar a Catedral, mostra o nosso Piratini<sup>12</sup> para a população que vem correr? Acredito que podemos, a Maratona é num domingo! Eu acho que isso nós estamos deixando muito a desejar. Antes a largada e a chegada eram lá no Parcão; hoje continuamos indo até a Rua Dona Laura<sup>13</sup> para fazer o retorno, então, isso é uma questão... Acho que agente poderia tentar trazer estes pontos mais antigos, mais históricos da cidade para mostrar para o corredor que vem de outros lugares, outras cidades, de outros países, eu acredito que isso possa ser aperfeiçoado.

J.P. – Você acha que a Maratona de Porto Alegre poderia crescer ainda mais em números de participantes para se igualar as outras maratonas com maior participação popular?

A.B – Do jeito que está eu acho difícil, porque nós já tivemos um Clube<sup>14</sup> aqui. Quando eu comecei já era... Eu volto a dizer: sou neófito aqui porque eu comecei em 2002 e nós temos corredores que correm desde as primeiras; eu acho que foi no ano de 1982, 1983 do século passado, então, eu sou um noviço aqui, mas do jeito que a coisa... Assim, quando eu comecei, em 2002, o nosso Clube, que é o meu clube até hoje ainda, dava um apoio inestimável para aquele atleta que treinava para Maratona; nós fazíamos os longos, já no percurso da prova com água, saia alguém de carro com as caixas, garrafinhas de água, dando água para gente treinar, de ponto em ponto estava aquele povo lá. Esse apoio, eu sinto assim que nós não temos mais. O CORPA hoje permanece só o nome, ele não é mais um clube que realmente apoia o corredor de rua; ele está não sei se fazendo outras coisas, mas que não é aquele. O apoio fundamental ao corredor foi perdido, eu temo que tenha sido perdido até em definitivo, então, isso ai não vejo um caminho de aumento da

---

<sup>11</sup> Praça Marechal Deodoro (conhecida como Praça da Matriz), localizada no centro de Porto Alegre, onde está localizado o Palácio Piratini, a Assembleia Legislativa, o Poder Judiciário, a Catedral da Matriz, o Teatro São Pedro, entre outros órgãos como museus, bibliotecas e memoriais.

<sup>12</sup> Referência ao Palácio Piratini, sede do Governo Estadual do Rio Grande do Sul. Localizado no centro de Porto Alegre

<sup>13</sup> Rua de Porto Alegre, que integra parte do percurso da Maratona.

<sup>14</sup> Referência ao Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA).

Maratona, de melhorias. Parece-me que os objetivos hoje são outros, diferentes daquele do atletismo puro, como já foi.

J.P. – Além da Maratona, tem outras corridas paralelas como as corridas de revezamento. Tu achas que esse interesse está se desviado para outras corridas menores e a Maratona está sendo menos prestigiada?

A.B – Eu sou adepto da maratona pura, que é só maratona, só 42 quilômetros. Pode se fazer a meia-maratona, quinze dias, um mês antes, sem dúvida nenhuma e já serviria até como uma prévia para aquele atleta que vai correr a Maratona. Para mim a Maratona pura ela é muito mais interessante; a Maratona está sendo ofuscada hoje, enquanto que não deveria ser a Maratona. A Maratona é uma prova especial, ela não é como correr 10 quilômetros ou correr uma meia-maratona, muitos correm agora por correr. O preparo para Maratona é difícil, quem já correu pelo menos uma sabe disso. E mais, só é aquilo ali, temos que ter uma premiação melhor, e eu acho que é possível de fazer isso, para chamar mais atletas, principalmente atletas de fora e acredito até que isso deveria se fazer junto com a nossa, possivelmente com a nossa Secretaria Municipal de Turismo para vender Porto Alegre. É uma maneira de vender Porto Alegre. Volto a dizer: corri o ano passado em Buenos Aires que já superou os sete mil participantes. Foi a prova que eu participei com mais corredores até hoje, maior premiação, muito boa e lá eles vendem Buenos Aires e a meia-maratona é um mês antes da maratona, então, eu acho que a gente poderia tentar fazer uma coisa parecida.

J.P. – Bom, o senhor deu algumas ideias aqui de como fazer essas melhorias, crescimento da Maratona, eu lhe pergunto: o que tu consideras crescimento da Maratona? Maior participação em números de atletas ou o evento todo, como atendimento aos corredores?

A.B – Eu acho que as duas situações são conexas. Agora, isso tudo está relacionado com a premiação, eu dou o exemplo aqui da Meia-Maratona de Foz do Iguaçu; A premiação eu dou o exemplo da Maratona de Curitiba tem uma boa premiação, chove de atleta lá, eles tem que melhorar só é o problema da largada, tem que ser mais cedo é muito quente no final do ano. Mas esses exemplos eu acho que são fortes: a premiação e premiar nas faixas

etárias também porque isso mostra um... Puxa, mais atletas para participarem da prova, agora o serviço também tem que ser compatível, tem que andar junto.

J.P. – Qual então a importância da maratona, agora vamos falar um pouco mais, não só da maratona, mas também do movimento de corridas no geral. A maratona teve alguma participação nesse crescimento?

A.B – Sem dúvida, esses corredores mais velhos – eu ouço às vezes comentários, elogios – os mais velhos e as mais velhas em beira de rua... Quando eu iniciei correndo, uns anos antes, como eu falei no início... Eu, na verdade, troto em beira de estrada há muitos anos, a participação era muito menor e principalmente do elemento feminino, poucas mulheres e até pela agressividade dos homens que ficavam largando piadinhas e dizendo besteiras; paravam e metiam o pescoço para fora do vidro do carro e dizendo gracinhas. Isso é uma coisa que hoje a gente não vê mais e eu acho que hoje sabe-se que o exercício físico é muito importante para saúde da pessoa. Então eu acho que muitas pessoas estão buscando isso, é o momento de tentar trazer esse povo para dentro da meia-maratona e depois para a maratona. Por que não?

J.P. – E qual a importância destes eventos, maratona e corridas, serem organizadas por um clube de corredores como é o nosso caso aqui?

A.B – Desculpe, eu me dispersei agora, pode repetir?

J.P. – Qual a importância da nossa Maratona de Porto Alegre, ser organizada por um clube de corredores?

A.B – O Clube de Corredores, eu sei por histórias, porque a gente ouve aqueles que já passaram por ali, estão ali desde antes, e tem muitos que são sócios desde os anos 1980... Mas sem dúvida a gente sabe que o Clube já tem uma importância histórica em cima disso, desse crescimento, dessa melhoria porque ele puxou sempre muita gente para correr. Ele tem pessoas assim abnegáveis: o nosso presidente Paulo Silva sempre foi um puxador, só que eu acho que nos últimos tempos tem se desvirtuado. Aquele apoio que falei antes para os corredores... Ele morreu, no meu entender ele morreu e eu acho que em definitivo. Mas

ele tem uma importância sim, puxou e eu acho que graças ao CORPA, vendendo essa ideia de corrida, de saúde, esses primeiros corredores foram semeando essa ideia por ai, então, ele tem a importância fundamental sim.

J.P. – Sobre a premiação para homens e mulheres, ainda sobre a maratona, tu acha que ela deveria ser igual para homens e mulheres ou ela é igual?

A.B – Eu não sei se ela é igual, mais sempre tem que ser igual. Se um corre os 42.195 metros o outro também, independente do sexo da pessoa. Então tem que ser igual, de primeiro lugar, primeiro lugar igual, quinto lugar de um naipe masculino igual ao quinto lugar do naipe feminino. O esforço, o preparo, o gasto que a pessoa tem... Tu, como maratonista também, sabes muito bem o que é se preparar para uma maratona. São três meses, quatro meses de um trabalho intensíssimo; a pessoa abre mão de tantas coisas, de descanso, de convívio com a família, enfim, de um passeio ao domingo, de mil coisas que se abre mão em prol de se conseguir correr uma maratona bem e não é por ser homem ou mulher que tem que ter diferença. A mulher também [palavra inaudível], e às vezes até vai ter que fazer um esforço, dependendo da situação, maior do que o homem. São tantas mulheres mães e que trabalham fora também, porque a gente, mesmo conhece aqui, não irei citar nomes, quantas que a gente conhece nessa condição, e que estudam etc., E, às vezes, em condições piores do que homens, então, a premiação para mim tem que ser igual.

J.P. – Para finalizar então. Eu gostaria que tu desses uma mensagem para os corredores, os corredores novos. Nós estamos conversando com maratonistas relativamente jovens nas maratonas, mas tem uma boa longevidade ainda, pelo fato de fazer maratonas. Que mensagem você deixa para esses novos corredores que começam a correr agora, independentemente da sua idade?

A.B – Não é novo o que vou dizer por que isso também eu já ouvi de tantos outros. Eu já, durante treinos em beira de estrada, eu consegui resolver problemas que tinha dentro da minha cabeça e que, como irei dizer, botava o tênis, estava de cabeça quente, colocava o tênis e saía para a rua. E lá adiante tinha solução para essa coisa ou então aquele problema ele ficava, eu largava na beira de estrada e ele não voltava comigo. Então, acho que a

corrida, além de ela fazer bem para pulmões, coração e a nossa musculatura esquelética, ela nos ajuda em outras situações também. Os jovens, principalmente, é muito importante manter, começar com uma corridinha e tal, uma preparadinha, não digo que vá correr maratona agora, principalmente os guris e as gurias, mas dez quilômetros, meia-maratona, é possível de fazer e não precisa muito treino; não precisa ser grandes campeões, se bem que depois a gente começa a se puxar em treino, mas ai é uma outra fase, mais adiante. Mas eu acho que vale a pena a gente tentar, vale a pena tentar, é um exercício muito bom comparado com outros esportes ou academias. A maratona ela tem um custo relativamente barato, a gente precisa de um tênis próprio para correr, um calção e uma camiseta ou uma regata para as mulheres e basicamente é isso e aquela disposição de sair para fazer o exercício. E que coisa boa é aquele traguinho de endorfina que a gente assimila, e depois do banho fica tudo legal. Eu aconselho dos oito aos oitenta e oito, nem é aos oitenta, dos oito aos oitenta e oito [riso].

J.P. – Eu agradeço pela disposição, pela boa recepção. Então, muito obrigado, é o que eu mais tenho a dizer para você.

A.B. – Eu vou só completar a última. Não é preciso agradecer, eu estou sempre à disposição e dizer o seguinte: aqui a gente pode ser menos formal, a última resposta está respondida já, mas eu vou colocar uma depois da última: a maratona é uma cachacinha que eu recomendo bebam! [risos]

[FINAL DO DEPOIMENTO]